

O PROCESSO DE APRENDIZAGEM ADOLESCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA¹

Veridiana Alves de Sousa Ferreira Costa ²

Virgínia Cavalcanti Pinto ³

Sheyla Mafra Holanda Maia ⁴

RESUMO

Em 2020, durante a pandemia do novo coronavírus, docentes, discentes e escolas incorporaram precisaram se adaptar à uma nova realidade educacional, incorporando tecnologias de informação e comunicação, além de adaptações pedagógicas necessárias para que as aulas pudessem ocorrer na esfera virtual. Com o avanço da vacinação, o período de estudo remoto e, posteriormente híbrido, deu espaço à volta da presencialidade em sala de aula, mas não da mesma maneira, especialmente no que diz respeito à aprendizagem discente. O objetivo deste trabalho foi compreender o processo de aprendizagem de adolescentes do Ensino Médio no contexto da pandemia, discutindo possíveis impactos no processo de aprendizagem deles, assim como as estratégias que utilizaram para consolidarem seu aprendizado, observando seus sentimentos nesse processo e a relação professor/a-estudante neste contexto. Sete adolescentes de escolas públicas e privadas de Pernambuco foram ouvidos/as de forma individualizada em entrevistas semidiretivas realizadas no formato *online*. Os dados produzidos, analisados a partir da análise de conteúdo de Minayo, mostraram que a construção da aprendizagem, no contexto remoto, não foi tarefa simples para os/as adolescentes e, mesmo contando com a disponibilidade docente, o processo de aprender exigiu disciplina e foco dos/as mesmos/as, que nem sempre conseguiam dar conta de tais requisições, o que impactou emocionalmente esses/as adolescentes.

Palavras-chave: Adolescentes, Aprendizagem, Pandemia.

INTRODUÇÃO

2020 será sempre lembrado como o ano em que o mundo parou. A pandemia do novo coronavírus impôs rupturas significativas na realidade de milhões de pessoas, nos diversos continentes, provocando mudanças cujas repercussões se fazem sentir até hoje. No contexto educacional, escolas tiveram as aulas presenciais suspensas com a finalidade de reduzir a propagação do vírus. Como alternativa para o restabelecimento das atividades

¹ Este trabalho é fruto de um projeto de pesquisa, sem financiamento, aprovado pelo Comitê de Ética na UFRPE sob o número **CAAE**: 57654321.1.0000.9547.

² Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, Doutora no Curso de Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco, veridiana.costa@ufrpe.br;

³ Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, Doutora no Curso de Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco, virginia.cavalcantipinto@ufrpe.br;

⁴ Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, Graduada em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, sheylamafra@gmail.com.

escolares, o ensino migrou do presencial para o virtual. Para executar esse projeto contingencial, as instituições educacionais precisaram realizar investimentos tecnológicos e humanos para adaptar suas práticas pedagógicas a essa nova realidade. No entanto, entre a imposição do ensino remoto, a passagem para o híbrido e a retomada das aulas presenciais, muito se perdeu e pouco, até hoje, foi repensado e restabelecido.

A pandemia foi decretada em março de 2020 e exigiu da sociedade isolamento social como forma de prevenção contra a Covid-19 – desenvolvida a partir do Coronavírus – e para conter a rápida propagação do vírus. No Brasil, no mesmo período, as aulas presenciais foram suspensas. Seguindo as normativas federais, no dia 18 de março, o Governo do Estado de Pernambuco determinou que as aulas presenciais, nas escolas públicas e privadas, fossem suspensas. A partir desta orientação, em curto espaço de tempo, docentes e escolas precisaram se reinventar, passando a incorporar tecnologias de informação e comunicação, além de todas as adaptações pedagógicas necessárias para que as aulas pudessem ocorrer (Pachiega; Milani, 2020). O modelo presencial de ensino, com professores e estudantes juntos numa mesma sala de aula, teve que dar espaço a novas dinâmicas, com uso prioritário de tecnologias digitais para que os espaços educacionais continuassem atendendo aos seus objetivos e dando atenção especial à formação de seus/suas estudantes.

Em pouco tempo, as escolas estavam vazias e as casas, espaços privados por excelência, tiveram que ser transformadas em salas de aula. De repente, estudantes, professores/as, gestores/as, pais, mães, responsáveis se viram diante de uma nova realidade educacional para qual não haviam sido preparados/as. Os desafios para a educação foram imensos e se fizeram sentir nas salas das casas, nos quartos, nos cômodos de milhões de famílias brasileiras. Meios digitais e plataformas virtuais, até então, recursos de uso esporádico ou complementar para muitos, passaram a integrar o contexto educacional, reconfigurando a sala de aula, os padrões do trabalho docente e impondo uma nova realidade à educação e ao processo de ensino e aprendizagem. Desse modo, o ensino remoto passou a ser a regra assumindo um lugar central na educação.

Segundo Saviani e Galvão (2021), a expressão *ensino remoto* passou a ser utilizada como alternativa à educação a distância (EaD), que já existia de forma estabelecida, coexistindo com a educação presencial e sendo oferecida regularmente. O ensino remoto, por sua vez, se colocou como substituto, adotado de forma excepcional no período da pandemia em que a educação presencial estava interdita. Esse tipo de ensino apresentou-se como solução, durante a pandemia, para dar seguimento à proposta

escolar, direcionando a grade curricular do ensino presencial para o formato virtual, mas ele não se caracteriza como EaD, assim como não se configura como educação *online* (Santos, 2020). De acordo com a autora, a Educação a Distância (EaD) se organiza de modo que as pessoas que fazem parte de seu processo estejam geograficamente separadas, sendo o processo de ensino-aprendizagem mediado por tecnologias. Todavia, os discentes estão distantes e isolados uns dos outros, não havendo interação entre eles. Por outro lado, a educação *online* investe na comunicação entre todas as pessoas que integram a sala de aula, através da comunicação por ferramentas virtuais que acontece diariamente e, assim, o ensino *online* busca agregar e evitar o isolamento. No contexto da pandemia, as instituições educacionais passaram a utilizar de forma generalizada, estratégias de EaD e atividades *online* no ensino remoto.

No entanto, como destacam Saviani e Galvão, para funcionar como um substituto “excepcional, transitório, emergencial, temporário”, o ensino remoto precisaria ter atendida certas condições como acesso à internet de qualidade e à equipamentos adequados, familiaridade com as tecnologias etc. (2021, p. 38). Isso nos leva a refletir sobre as condições em que essa transição se deu na realidade brasileira, uma vez que o imediatismo deflagrado pela pandemia não garantia a igualdade de condições para o desenvolvimento satisfatório do processo de ensino-aprendizagem dos/as adolescentes.

Conforme discutimos em “*O processo de aprendizagem de adolescentes no retorno às aulas presenciais: uma discussão docente*” (Pinto; Costa; Maia, 2024), as falas dos/as professores/as nos indicaram que essas condições não só não foram preenchidas, como se transformaram em barreiras que impactaram o fazer docente e, conseqüentemente, a aprendizagem dos/as estudantes. Em um contexto educacional marcadamente desigual como o brasileiro, os abismos entre o público e privado se fizeram sentir no dia a dia das casas-escolas. O acesso ao ambiente virtual e à *internet* de qualidade, entre estudantes de escola pública, era, em sua imensa maioria, precário. A familiaridade com as tecnologias foi sendo adquirida ao longo do processo e o preparo para o uso pedagógico apropriado das ferramentas digitais deixou muito a desejar.

É importante, também, destacar que essa dinâmica que reorganizou a construção da aprendizagem a partir do contexto da virtualidade foi atravessada pelo distanciamento físico entre professores/as e estudantes. Por mais que a tecnologia estivesse mediando os encontros, a interação virtual é diferente das trocas que se estabelecem na presencialidade. Em vários depoimentos, muitos docentes se queixaram desse distanciamento relatando, muitas vezes, a incerteza de estarem, de fato, interagindo com os/as estudantes. Esse

distanciamento trouxe consequências tanto para a formação dos/as estudantes quanto dos/as professores/as, afetando suas *práxis*.

O uso demasiado de tecnologias, por exemplo, apresenta nuances específicas quando se observa o processo de aprendizagem dos/as estudantes do Ensino Médio, pois as especificidades de sua fase do desenvolvimento – a adolescência – requerem atenção diferenciada. Os processos que se fazem presentes nesse período da vida e a especificidade de trabalho psíquico em jogo na adolescência atravessam o sujeito e se refletem em seu contexto de aprendizagem.

Do ponto de vista cognitivo, a adolescência abre a porta para um mundo novo, que traz consigo importantes e profundas mudanças. Novos elementos, novas capacidades, novos interesses e motivações emergem. Além disso, outras formas de pensamento também surgem e os sujeitos atingem um nível novo e superior de pensamento, que lhes permitir conceber os fenômenos de maneira diferente do que faziam até então. Caracterizado por uma maior autonomia e rigor em seu raciocínio, o *pensamento formal*, estilo de pensamento em que há predominância do domínio das ideias, princípios e proposições abstratas, entra em cena nesse período. Esse estágio das operações formais emerge entre os 11-12 anos e se consolida por volta dos 14-15 anos, sobre a base das operações concretas já presentes. A importância dessa fase, qualitativamente diferente da anterior, reside no fato de ser a fase final da sequência do desenvolvimento cognitivo. As características estruturais e funcionais desse estágio estão pautadas em estruturas lógicas mais elaboradas, do que as operações concretas (Coll, 1996).

Do ponto de vista relacional, como um sujeito em passagem, o adolescente se depara com uma série de exigências psicossociais a cumprir na saída da infância: aspirações no âmbito dos ideais sociais, reposicionamentos no espaço da família, na relação com seus pares, com o mundo do trabalho, confronto com o real do sexo, etc, ou seja, ele realiza uma operação simbólica, um trabalho psíquico que exige uma posição subjetiva. (Costa, 2015). Espera-se, então, que haja um investimento do/a estudante adolescente na relação com seus pares e com todos os que fazem parte do cenário escolar, pois esse contato pode influenciar o modo como eles/as delineiam seus processos de aprendizagem, uma vez que a esfera afetiva é significativa para essa construção.

Assim, levando em consideração o componente emocional para a compreensão do desenvolvimento cognitivo de adolescentes e jovens, buscamos discutir os possíveis impactos da pandemia no processo de ensino e aprendizagem desses sujeitos, bem como compreender de que estratégias eles lançaram mão para consolidar seu aprendizado,

observando seus sentimentos nesse processo e as relações estabelecidas entre professor/a-estudante.

METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa, sete estudantes do Ensino Médio de escolas públicas e privadas de Pernambuco foram ouvidos/as, a partir de entrevistas semidiretivas, realizadas no formato *online* e individualmente, através da plataforma *Google Meet* mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo-se o anonimato (os nomes utilizados neste artigo são fictícios). Esse tipo de entrevista proporciona maior liberdade de expressão por parte do/a entrevistado/a e permite que outras questões sejam colocadas ao longo de sua realização, no sentido de esclarecer o tema abordado. Baseados nos objetivos da pesquisa, elaboramos três perguntas disparadoras: *Como você percebe seu processo de aprendizagem durante a pandemia? O que você tem feito para consolidar o seu aprendizado? Que sentimentos você experimenta nesse processo?* Apesar do mesmo ponto de partida, os caminhos narrativos se construíram de forma distinta, ao mesmo tempo em que pontos em comum se apresentaram em todas as entrevistas. Falaremos, mais adiante, dessas questões.

Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas de forma integral e literal. A partir do material escrito, procedemos a uma análise mais minuciosa das entrevistas, por meio da análise de conteúdo apresentada por Minayo (2007). Os dados foram coletados e categorizados com base nos temas que mais sobressaíram do material coletado e, posteriormente, tiveram seu conteúdo descrito e interpretado. Nesse sentido, três categorias se apresentaram de forma representativa nas falas dos/as adolescentes participantes: (1) diferenças da aprendizagem virtual e presencial; (2) verificação da aprendizagem durante a pandemia, e (3) sentimentos vividos pelos/as adolescentes no processo de aprendizagem durante a pandemia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira categoria de análise intitulada: *Diferenças da aprendizagem virtual e presencial*, traz algumas reflexões sobre impactos ao processo de aprendizagem de adolescentes no contexto da pandemia, abordando, do ponto de vista deles/as, diferenças entre esses dois formatos. O processo de aprendizagem pode ser definido, de forma

sintética, como o modo como os seres constroem novos conhecimentos, desenvolvem competências, habilidades e mudança de comportamentos. Trata-se de um fenômeno complexo, envolvendo aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais.

Ao falarem das distinções entre a aprendizagem no ensino presencial e no ensino remoto, os/as estudantes entrevistados/as realçaram os impactos desses modelos em suas motivações para as aulas e os estudos, e, também, em suas aprendizagens. Destacaram que, durante a pandemia, a maior dificuldade foi se adaptar de forma abrupta a uma nova realidade para a qual não estavam preparados/as.

Eu senti bastante diferença de aprendizagem [no modelo remoto]!!! Foi sem dúvidas alguma coisa bem diferente... Inclusive eu diria que a qualidade e a quantidade do que foi aprendido e como foi aprendido... Foi bem reduzido [...] A qualidade caiu bastante. Eu não diria que foi por causa dos professores ou dos diretores, mas realmente por causa de toda a situação que a gente estava passando (Carlos André)

Essa mesma percepção foi compartilhada por Heloísa:

Existe muita diferença entre aprender virtualmente e aprender no presencial, porque, *tipo*, virtualmente as pessoas abusam do Google entre aspas. Quando um professor fala alguma coisa “você tem que fazer isso, tem que fazer aquilo”[...] não ensina nada como presencialmente, porque a gente presta mais atenção no professor e no que a gente tem que aprender no [modelo] presencial.

Além dos impactos sentidos pela mudança brusca em relação aos modelos de ensino, chamou atenção um dado específico citado por um estudante: a garantia de não reprovação enquanto durasse a fase mais crítica da pandemia e estivesse em vigor o uso exclusivo do ensino remoto.

Eu acho que eu não aprendi nada [...] No começo eu fazia as coisas. Com o tempo passando, decretaram aquela lei que em tempo de pandemia ia poder passar todo mundo de ano, aí eu comecei a deixar mais de lado. Eu estava extremamente despreocupado [...] eu simplesmente deixei tudo de lado (Valter).

A lei citada pelo adolescente trata-se de uma resolução do CNE que regulamentou a Lei 14.040/2020 e não recomendava a reprovação naquele ano, desde que as escolas garantissem critérios e mecanismos de avaliação ao final do ano letivo de 2020, considerando os objetivos de aprendizagem efetivamente cumpridos pelas escolas e redes de ensino, de modo a evitar o aumento da reprovação e do abandono escolar (BRASIL,

2020). Embora tenha sido citado por apenas um estudante, é provável que isso também tenha sido elemento comum a outros/as.

Na categoria *Verificação da aprendizagem durante a pandemia*, os/as adolescentes entrevistados/as falaram de suas estratégias para consolidar seus aprendizados, apontando o que faziam para assegurar que estavam aprendendo os conteúdos. Deste ponto de vista, parte deles/as disse fazer revisões depois das aulas, recorrendo a banco de questões apresentadas pelos/as próprios/as docentes ou através de sites de *internet*. Além disso, muitos também faziam uso de estudos através de vídeos disponíveis em plataformas digitais, como YouTube ou outras disponibilizadas pelas escolas.

Os professores passavam na didática deles e eu, por fora, ia tentando me aprofundar cada vez mais nos estudos. Gosto muito dessa questão e videoaula, de aula pela internet gravada, coisas assim (Rayssa).

Também foi comum recorrerem aos/às professores/as para tirar dúvidas ou pedir ajuda, ressaltando que estes/as estavam sempre à disposição dos/as adolescentes para ajudá-los/as, e, em outros casos, recorreram a aulas de reforço. Apesar de essa não ter sido a realidade da maioria dos/as estudantes, alguns deles/as utilizaram esse tipo de recurso enquanto durou o período de suspensão das aulas até sair a resolução que regulamentou as aulas remotas, mas continuaram com aulas de reforço quando as atividades escolares foram retomadas. Vale ressaltar que para muitos/as estudantes, houve um grande vácuo entre a paralisação das aulas presenciais até as primeiras estratégias pedagógicas serem adotadas para dar continuidade às aulas e atividades.

A terceira categoria de análise, *Sentimentos vividos pelos/as adolescentes no processo de aprendizagem durante a pandemia*, traz, em sua constituição, sentimentos pessoais ou compartilhados pelos/as entrevistados que refletem a maneira pela qual construíram seus processos de aprendizagem, num momento em que o distanciamento físico entre as pessoas era primordial e, ao mesmo tempo, ele mesmo imprimia marcas, pois a aprendizagem, em tempos anteriores à pandemia, pressupunha troca, interação e proximidade com o outro, aspectos estes relevantes para o desenvolvimento social e cognitivo do/a adolescente (Coll; Marchesi; Palacios, 2004).

É importante pontuar a compreensão sobre o conceito de sentimento adotado neste trabalho, pois o mesmo está para além de uma emoção, de uma resposta imediata ou sem reflexão. O sentimento é compreendido aqui como algo que é subjetivamente trabalhado, construído, elaborado e que acompanha o sujeito, voltando-se para uma determinada,

pessoa, situação ou circunstância. De acordo com Batista, Pasqualini e Magalhães (2022), a discussão sobre a perspectiva dos processos emocionais e o ensino escolar tem alcançado destaque no cenário atual por afetar diretamente a esfera do desenvolvimento e da aprendizagem dos/as estudantes. Nesse sentido, estar diante de uma nova realidade no contexto de aprendizagem fez com que muitos/as estudantes experimentassem, principalmente, sentimentos de solidão, como relatado nas falas a seguir:

Eu tive muito um sentimento de solidão, porque não é a mesma coisa você tá estudando com alguém do lado que você pode tirar uma dúvida, você pode compartilhar “olha, me ajuda aqui, eu posso te ajudar nessa”, não... Então, eu me senti muito sozinha (Rayssa)

Eu me sentia [...] realmente me sentia solitária [...] mas, eu prefiro o presencial porque eu tenho mais socialização (Tatiane).

A aprendizagem não deve se restringir a uma perspectiva de trabalho baseada unicamente em conteúdos a serem lecionados e aprendidos, pois trata-se de um processo que possui muitos elementos envolvidos em sua constituição e dentre eles, encontramos as figuras de professores – referências em sala de aula – e estudantes, os pares com quem os/as estudantes dividem características, trocam experiências e compartilham particularidades da fase do desenvolvimento. Assim, estar sozinho/a durante este caminho de aprender não parece, ao menos para os/as adolescentes entrevistados/as, ser uma experiência fácil ou confortável.

Este cenário em que a distância foi imputada aos/às estudantes também trouxe o sentimento de desânimo, inclusive podendo ter sido este potencializado a partir do sentimento de solidão abordado acima, isto porque a reclusão deles/as, tendo que aprender num formato de isolamento físico e a demora na volta ao modelo presencial, fez com que este sentimento ganhasse força, como colocado a seguir:

Meu sentimento era de desânimo, né? Porque a gente não sabia quando ia voltar e aí às vezes, a gente tinha uma esperança de que: “oh, vai melhorar e a gente vai voltar”, mas aí a gente não voltava e não tinha como, aí voltava pro EAD e ficou nessa por um bom tempo (Glauciane).

O sentimento de desânimo parece ter implicação direta na motivação dos/as estudantes. Esta última aqui compreendida, genericamente, como “aquilo que move uma pessoa, aquilo que a põe em ação ou a faz mudar de curso” (Nunes; Silveira, 2009, p. 162). Assim, sem ânimo ou motivação os/as entrevistados/as encontraram dificuldades em conservar o foco, a direção, o objetivo de manter os estudos com qualidade, assim

como cultivar a construção da aprendizagem da mesma maneira como acontecia antes do isolamento social.

Eu não me sentia muito confortável em estar estudando nesse modelo. Na minha cabeça, eu pensava que eu não tava aprendendo o suficiente, como se eu não tivesse passado esse tempo...conseguido aprender 100% de cada matéria ou pelo menos um pouco de cada (Valter).

O desconforto, relatado na fala do entrevistado acima, pode ser compreendido como decorrente da falta de motivação, uma vez que ela, não sendo palpável, pode ser inferida pelo comportamento adotado pelo sujeito (Braghirolli *et al.*, 2015). Além disso, esta possível configuração de desinteresse passou a gerar um comportamento de despreocupação nos/as estudantes, já que as obrigatoriedades existentes no contexto presencial pareceram ser fragilizadas no ambiente virtual, como relatou o entrevistado a seguir:

Eu me sentia extremamente despreocupado. Eu ficava realmente muito, muito despreocupado em relação às aulas. Eu só entrava, deixava rolar, aí quando dava acho que, se eu não me engano, 11:30h, acabava. Aí eu desligava, eu fazia as coisas que eu tinha que fazer. E se tivesse atividade eu deixava pra depois, deixava pra depois, deixava pra depois (Alan).

Lidar com a aprendizagem de uma maneira diferente da que se estava acostumado, não parece ter sido um processo fácil para os/as estudantes entrevistados/as, o que nos convida a refletir sobre a forma como o contexto presencial de aprendizagem deu lugar ao contexto virtual e ao modo como o capital humano parece ter assumido um lugar coadjuvante nesse processo que até então era prioritariamente relacional.

Não negamos com isso a urgência da necessidade de instalação de algum mecanismo que suportasse a necessidade do momento pandêmico, que era manter as aulas, manter a escola em funcionamento, apesar da imposição do isolamento social. Algo tinha que ser feito e com urgência! Entretanto, na medida em que o processo da virtualidade estivesse se instalando, talvez as instituições de ensino pudessem ter tido um olhar mais cuidadoso para as necessidades dos/as estudantes para além dos conteúdos, pois já nesta época era possível entrar em contato com os sentimentos de insegurança e ansiedade gerados a partir da nova realidade escolar.

Naquela época, eu me senti muito insegura, sabe? Tipo, na minha visão, eu tinha que me preparar para o que eu queria ser e com tudo aquilo acontecendo meio que me deixava muito preocupada com o meu futuro, entende? (Heloísa).

A insegurança, abordada pela entrevistada, pode trazer repercussões para toda a vida do sujeito, porém, ao tratar de estudantes do ensino médio, ela pode gerar comportamentos como de falta de confiança em si mesmo e incertezas diante da tomada de decisões que implicam de forma insatisfatória no desenvolvimento cognitivo e, sobretudo, emocional do/a estudante.

A ansiedade, por sua vez, faz parte da vida e é importante para o desenvolvimento do sujeito. Entretanto, é preciso ter atenção à proporção que ela assume na vida do indivíduo pois, de acordo com a amplitude que toma, pode apresentar características disfuncionais para quem a sente. Segundo Dalgalarrondo (2000), a ansiedade pode ser compreendida como um incômodo desagradável interno que atua junto às percepções negativas sobre o futuro e seus eventos.

Eu acho que meu sentimento era de muita ansiedade, mas não era nada que chegava a um nível descontrolado. Eu sou cristão, então o espírito santo, graças a Deus, acalmava a gente, né? Nosso coração. Mas, com toda certeza, tinha ansiedade, por exemplo, em saber quando eu ia voltar... porque eu não ia aguentar, por exemplo, passar o restante do ensino médio todinho no ensino remoto. Não ia aguentar, eu ia desandar completamente (Carlos André).

A ansiedade pode ser atenuada por algum instrumento ou ferramenta que o sujeito lance mão e que faça parte de sua estratégia para contê-la ou atenuá-la, como exposto pelo entrevistado acima em que a religião parecia fazer esse papel. Entretanto, este é um funcionamento pontual pois, em geral, os estudantes costumam manifestar sintomas somáticos e fisiológicos como sudorese, tensão muscular, tonturas, dentre outros, que faz com que o sujeito cristalize suas ações (Dalgalarrondo, 2000).

Como visto, desânimo, desconforto, insegurança e ansiedade foram alguns dos sentimentos experimentados pelos/as estudantes de escolas públicas e privadas de Pernambuco durante o período da pandemia. Não bastassem lidar com as questões típicas da adolescência, esses sujeitos foram lançados em um contexto escolar virtual do qual saíram com diversas lacunas tanto na construção de suas identidades como da sua formação escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem dúvida o período de pandemia foi difícil para muitas pessoas, em diversos campos. Obviamente a escola e o processo de aprendizagem dos/as estudantes foram

tocados pelas novas circunstâncias e necessidades sociais. Agora, com a volta à presencialidade, é importante avaliar as repercussões deste processo sobre os/as estudantes, pois os/as mesmos/as foram afetados/as por elas trazendo, para este contexto de retorno, marcas, impressões e, sobretudo, sentimentos que precisam ser ouvidos e acolhidos pois fazem parte da integralidade do/a estudante, estando presente em sua vida como um todo, mas, especialmente, em sua esfera escolar, relacional e de construção do conhecimento.

Precisamos lembrar que milhares de estudantes terminaram o ensino fundamental ou o Ensino Médio, dois momentos importantes da formação escolar, de forma remota, com um aprendizado cheio de lacunas e muitas dúvidas sobre o futuro. Os resultados foram estudantes, dentro de sala de aula, descompromissados/as com os estudos, mais inseguros, menos autônomos e com dificuldade de sistematizar o conhecimento. A capacidade de interpretação de textos simples e compreensão de conceitos básicos também foram bastante impactadas e isso não apenas entre estudantes de escolas públicas, como também de escolas particulares.

Esse estudo nos mostrou que a construção da aprendizagem, no contexto remoto, não se deu de forma simples para os/as adolescentes e, mesmo contando com a disponibilidade docente, o processo exigiu disciplina e foco destes/as estudantes, que nem sempre conseguiam dar conta de tais questões. Dentre vários efeitos, o significativo impacto emocional desses/dessas adolescentes, que experimentaram sentimentos de ansiedade por estarem vivendo todo esse processo e, ainda, envolvidos em processos de seleção para o ingresso na universidade, como o Enem, ganhou destaque.

Importante lembrar que essa discussão ultrapassa os muros das escolas e precisa ser pensada em toda a sua complexidade, pois esses/essas estudantes que vivenciaram o ensino remoto durante a pandemia estão não apenas nas escolas como também nas universidades. Essa geração de crianças, adolescentes e jovens ainda não recebeu a atenção devida do Estado e das instituições educacionais. Como se, passada a pandemia, os problemas tenham sido sanados e superados. No entanto, sequer temos ainda a dimensão dos impactos causados pelo ensino remoto, quem dirá das soluções possíveis. Portanto, as pesquisas e debates sobre a temática seguem sendo pertinentes e necessários.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo; PRAUN, Luci. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 123, p. 407-427, jul./set. 2015.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/cbc3JDzDvxTqK6SDTQzJJLP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 set. 2023.

BATISTA, J. B.; PASQUALINI, J. C. & MAGALHÃES, G. M. Estudo sobre emoções e sentimentos na educação infantil. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v.47, 2022. Disponível em <https://doi.org/10.1590/2175-6236116927vs01>. Acesso em 06 Abril 2023

BRAGHIROLI, E. M. et al. **Psicologia Geral**. Porto Alegre, Editora Vozes, 36ªed, 2015.

BRASIL. Lei Nº 14.040, de 18 de agosto de 2020. Estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020; e altera a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 2020.

COLL, C. PALACIOS, J & MARCHESI, A. **Desenvolvimento Psicológico e Educação – Psicologia Evolutiva**. Porto Alegre, Artes Médicas, v. 1, 1996.

COSTA, V. A. S. F. **Da revalidação do nome-do-pai à posição diante da lei e do ato infracional na operação adolescente**. 2015. Tese de Doutorado, Pós-graduação em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2015.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre. ArtMed, 2000.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: vozes, 2007.

NUNES, A.I.B.L; SILVEIRA, R.N. **Psicologia da Aprendizagem: processos, teorias e contextos**. Brasília: Liber livro, 2009.

PACHIEGA, Michel Douglas & MILANI, Débora Raquel da Costa. Pandemia, as reinvenções educacionais e o mal-estar docente: uma contribuição sob a ótica psicanalítica. Dossiê: O (Re) inventar da educação em tempos de pandemia. **Dialogia**. São Paulo, n. 36, p. 220 – 234, set /dez 2020.

PINTO, Virgínia Cavalcanti; COSTA, Veridiana Alves de Sousa Ferreira. MAIA, Sheyla Mafra Holanda. O processo de aprendizagem de adolescentes no retorno às aulas presenciais: uma discussão docente. In: SILVA, Tadeu Basquerote; BANDEIRA, Glaucio Martins da Silva; FREITAS, Patricia Gonçalves de. (org). **Diálogos em educação: olhares multidisciplinares sobre a aprendizagem**. v. 3. Rio de Janeiro: e-Publicar, 2024.

SANTOS, E. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença? **ReDoC – Revista docência e cibercultura**. #livesdejunho, 2020. Acesso em: 10 nov. 2022.

SAVIANI, Demerval & GALVÃO, Ana. Educação na pandemia: a falácia do “ensino remoto”. **Universidade e sociedade**. n. 67, ANDES-SN, Jan 2021.